

Zambujal, Mário. *Cafuné*. Lisboa: Clube do Autor, 2014. ISBN 978-989-724-035-5.

Reviewed by
Carlos Nogueira
Universidade de Vigo

Conhecido sobretudo como jornalista e autor da *Crónica dos Bons Malandros* (1980), uma das obras mais vendidas da literatura portuguesa, Mário Zambujal (1936) publicou em finais de 2012 um livro que se distingue dos muitos romances que se têm escrito em Portugal nos últimos anos. A originalidade de *Cafuné* está na combinação entre aspectos da forma e do conteúdo: o estilo coloquial e o bom humor que vêm já dos primeiros livros e das crónicas deste escritor, a exaltação do amor carnal livre e o diálogo entre um período da História de Portugal e uma história ficcional.

No apontamento introdutório “É Bom Que Se Diga”, Mário Zambujal afirma que quis inscrever mundos possíveis “num tempo real, neste caso o alucinante começo do século XIX” (9). O ambiente em que se movem Rodrigo Favinhas Mendes, “um rapagão de dezassete anos incompletos” (33), e o “frade desistente Urbino de Santiago” (16), é o da Lisboa das invasões francesas e o do Brasil para onde se deslocou a corte e a família real portuguesa. A veracidade dos elementos históricos, que são convocados às vezes com grande pormenor e abundantemente ao longo de todo o romance, é garantida pelas obras de investigação a que Mário Zambujal recorreu: “(...) foi um gosto ler ou reler trechos da inevitável *História de Portugal*, de Oliveira Martins, notáveis trabalhos de pesquisa e narrativa como *1808*, do escritor brasileiro Laurentino Gomes, e *Império à Deriva*, do australiano Patrick Wilker, não menos saborosas as crónicas do pastor sueco Carl Israel Ruders na *Viagem em Portugal – 1798-1802*” (9).

O capítulo “Um” de vinte, todos numerados por extenso e com uma passagem que antecipa um momento ou um juízo particularmente significativos, apresenta já ao leitor os principais temas e técnicas narrativas deste romance, que narra uma parte da vida de Rodrigo, um pícaro muito propenso aos prazeres da carne, e do ex-frade Urbino de Santiago. O “improvável relacionamento” (16) que se estabelece entre os dois estrutura toda a acção. “Improvável” porque Rodrigo Favinhas Mendes é, em matéria de relações sexuais, um incontinente, e Urbino um homem “que desistiu do convento sem desistir (até ver) da castidade” (10). Os dois conhecem-se quando o ex-frade protege Rodrigo dos “três sujeitos de jaqueta e botas grossas” (19) que o perseguiram, porque ele, alegadamente, faltara “ao respeito à morgada” (19).

No primeiro capítulo, o leitor fica familiarizado quer com o narrador de terceira pessoa, que diverte e se diverte com o que conta e dá a reflectir, quer com a estruturação do discurso em planos que se vão sucedendo com uma lógica evidente, acompanhando ora mais as personagens ora mais os comentários históricos que servem de fundo à história de Rodrigo e Urbino. O espaço em branco entre os vários momentos torna ainda mais evidente e funcional este tipo de composição do romance, que assim se torna mais legível.

Num nível como no outro, surgem as divagações muito caras ao narrador, que por vezes usa o passado para se referir, sempre de modo bem humorado, ao presente mais ou menos próximo. Por exemplo: a propósito dos “foguetes e salvas de canhão saudando a chegada do século XIX” (16), comenta o narrador, numa clara alusão ao que aconteceu um pouco por todo o mundo na passagem para o ano 2000, que “Não se colocara ainda a polémica sobre se os séculos começam no zero ou no um, pelo que ninguém pôs em causa os festejos iniciados pela meia-noite de 1799” (16).

É também com graça e boa disposição que este narrador consegue falar de episódios da vida privada, admitidos pelo discurso histórico oficial, de figuras históricas, e do comportamento maledicente português, sem nunca incorrer no tom panfletário de quem tudo sabe e insiste em transmitir uma verdade. Sobre a princesa Carlota Joaquina, que “apreciava recriar-se com as aias espanholas” (18), observa o narrador, a quem interessa captar, antes de mais, a alegria picaresca de viver das personagens, tanto as da realeza e da nobreza como as do povo: “E não só, bichanava a má-língua lusitana, que vinha de trás e prosseguiria em frente. Então mordía-se na princesa, dizendo-a tão pouco selectiva quanto a homens que chegava a deitar-se com o próprio marido” (18).

A primeira sequência, que narra um dos encontros entre a desinibida Lucrecia e Rodrigo, inclui já o grande tema do romance: o erotismo, o amor físico descomplexado, os jogos que tornam “desejável a carne” e a dão como fonte “de saúde, beleza” (Alexandrian 6) e deleite. Também nesta parte inicial se percebe já que o diálogo será um modo de expressão privilegiado. É no que Rodrigo diz a Lucrecia que se manifesta o seu misto de atrevimento e inocência, o seu gosto pelo corpo feminino, e é nas palavras de Lucrecia (e depois também nas de Dália, aia, como aquela, da rainha) que ela exhibe livremente a sua posição social e a sua sexualidade:

- Desabotoa a camisa.
- Desabotoou e percebeu o sinal para se sentar de novo ao lado dela.
- Assim fez, As mãos esguias passearam-lhe pelo peito ofegante,
- Faço-te cócegas?
- Não, é bom.
- E de que mais gostarias?
- De lhe poder tocar.
- Onde?

Então fosse o que Deus quisesse, Rodrigo estendeu as mãos para os seios que dançavam ao ritmo da respiração e pareciam dilatar-se. Nem risos, nem bofetadas. Quando o travou foi para ordenar, rouca:

– Despe-te. Todo.
Mal acreditando em tamanha felicidade, foi um foguete a desnudar-se. O olhar dela percorreu o corpo exposto, fixando-se no mais visível da excitação. (14)

Ao longo do romance haverá várias cenas em que o narrador nos mostra as linguagens verbais e não verbais do erotismo e do sexo de Rodrigo e das suas amantes, as portuguesas e uma brasileira, a mulata Estrudinha, que lhe ensina a palavra que dá o título ao romance e nomeia a carícia, feita com os dedos atrás do pescoço, que ele muito aprecia:

– Se gosto? Essa festinha põe-me maluco!
– Cafuné. A gente chama de cafuné.
Rodrigo lembrou-se então das artes de Dália, mestra de cafuné, ignorando que fazia cafuné. (224)

A emancipação sexual e moral de Dália e Lucrecia não se vê apenas no relacionamento com Rodrigo. Nas suas aventuras sexuais entram outros homens, como o francês Pierre, entendido na arte do amor que ensina a Dália a técnica dos beijos de “bocas abertas” (88), e o primo de Lucrecia, que, conversando e rindo com ela, “Com paciência de bom alentejano” “aliviou-a das complicações de indumentária que eram moda das damas elegantes” (89). O modo como esta cena está construída mostra bem que Mário Zambujal quer dar a ver o lado mais prosaico e intenso do amor carnal, e mesmo o que nele existe de burlesco, que, regra geral, não é tratado na ficção portuguesa, pelo menos nestes termos: “Com justa retribuição, a prima arrancou-lhe as ceroulas. Quando se encontraram de igual para igual, fizeram o que lhes pareceu aconselhável” (89).

O autor constrói cenas breves de erotismo em que os amantes alcançam, sem consciência de culpa e pecado, o absoluto do prazer corporal e psíquico. A consumação sexual na cópula é sugerida, não descrita pormenorizadamente:

Ao contrário da amiga, não teve de preocupar-se com botões, porquanto o vestido os dispensava. Tinha um notável decote e por aí enfiava Pierre os impacientes dedos. Às vezes, o sentido do tacto rende mais do que a própria visão. E também a fidalga tateou, na zona proscrita em que um homem pode crescer de um momento para o outro. (88)

Cafuné lê-se com gosto pela singularidade da história e pelo coloquialismo do narrador e das personagens, e até com proveito pela lição de aspectos da História de Portugal, que romances como este tornam inesquecíveis. É esta uma narrativa sobre a expressão do desejo no devir da História, que uma passagem como esta resume com precisão e ao mesmo tempo com humor: “já nesse tempo não existia quarto de dormir onde não pontificasse a cama. E antes. Inventar a cama foi a primeira urgência dos homens, pela vontade de se deitarem, sozinhos ou acompanhados. Em pé, tudo se torna mais dificultoso, incluindo o dormir” (89).

Mário Zambujal evoca momentos da História e lembra-nos que, à medida que eles se produzem, há histórias individuais cuja linguagem maior é a do erotismo e do sexo livres e libertadores, instintivos e intensos, integralmente libidinosos e puros na sua naturalidade. Porque, como se lê na contracapa do livro, “Uma particularidade do ser humano é não se limitar aos ciclos de cio. Todo o tempo é bom tempo”.

OBRAS CITADAS

Alexandrian, *História da Literatura Erótica*. Lisboa: Livros do Brasil, 1991. Print.